

ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NA PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS DOCENTES COM METODOLOGIAS ATIVAS

Patrícia Cavalcante de Sá Florêncio¹
Kaline Delgado de Almeida Gama²

RESUMO

A educação brasileira e mundial vem passando por intensas transformações desde o início da pandemia de coronavírus iniciada em 2020. As instituições de ensino tiveram que aderir ao ensino remoto de uma maneira muito rápida e ao uso de metodologias ativas. Nesse sentido esse trabalho vem com o intuito de identificar a percepção dos alunos sobre o processo ensino-aprendizagem, no contexto de ensino remoto, com o uso de metodologias ativas de um Curso técnico em enfermagem, no componente curricular Saúde Coletiva e Educação em Saúde II, ministrado por duas docentes em conjunto. Através da observação da participação dos alunos nas aulas síncronas, realização das atividades propostas nas aulas assíncronas e através de questionário no encerramento das aulas, com perguntas norteadoras organizadas no sentido de coletar dados sobre a percepção dos alunos sobre o ensino remoto com uso das metodologias ativas. Foram dezesseis questionários respondidos e através de análise de conteúdo foi possível identificar vantagens do uso das metodologias ativas e dificuldades no componente curricular citadas pelos alunos, a acessibilidade às aulas e a quantidade alta de assuntos. Espera-se contribuir com uma formação integral engajada na cultura digital para além do ensino remoto.

Palavras-chave: Metodologias ativas, Ensino técnico em enfermagem, Ensino remoto.

INTRODUÇÃO

Desde o início da pandemia de coronavírus, no ano de 2020, que o mundo vem passando por transformações extremas no modo de vida da população e a educação foi um dos setores que sentiu o impacto dessa mudança. Países por todo o mundo fecharam suas escolas e milhares de alunos ficaram sem aulas. No Brasil não foi diferente. As escolas foram retornando aos poucos no modelo de ensino remoto provocando um grande impacto em toda a comunidade escolar envolvendo vários fatores como necessidade de capacitação de professores e alunos, acesso às mídias digitais, equipamentos adequados, infraestrutura adequada nos lares, sem falar em projetos pedagógicos adequados à nova realidade.

Com isso, a educação vem sofrendo modificações intensas com a paralisação das aulas e continuando com o início das aulas remotas emergenciais, como forma de minimizar as perdas

¹ Professor Efetivo EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, E-mail: patricia.florencio@ifal.edu.br;

² Professor Efetivo EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, E-mail: kaline.delgado@ifal.edu.br.

educacionais e evitar a evasão dos alunos. Decerto, momento de intensos ajustes a uma nova realidade que foi imposta, a implantação de aulas mediadas por tecnologia e metodologias ativas, levando a novos caminhos educacionais.

É um longo período de adaptação de professores e alunos a uma nova forma de interação com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e das redes sociais. Para Souza (2020), essas tecnologias devem ser vistas como propulsoras da criação de novas relações com a informação, com o tempo, com o espaço, consigo mesmo e com os outros. A autora relata ainda que a utilização das tecnologias digitais em rede na educação evidencia que os ambientes virtuais modificam o domínio sobre o fazer docente praticado na modalidade presencial, pois são outros espaços e tempos pedagógicos que se apresentam.

Toda essa mudança nos faz refletir sobre a necessidade de uma evolução do ensino tradicional centrado no professor para um modelo centrado no aluno, incentivando o seu protagonismo e autonomia e ver como esse aluno está sentindo esse momento de mudança. O uso somente de tecnologia não efetiva a evolução do ensino, mas o uso de modelos disruptivos, no sentido de romper, de mudar, que levam à simplificação das atividades estimulando o pensamento crítico em uma cultura em rede.

De acordo com Bacich, Neto e Trevisani (2015) mudar não deve significar fazer mais coisas, mantendo o que está da forma como está, deve significar fazer diferente, com mais qualidade. E temos uma variedade de ferramentas para isso.

Nesse sentido faz-se necessário e de fundamental importância identificar a percepção do aluno quanto ao processo ensino-aprendizagem no contexto de ensino remoto com o uso de metodologias ativas para podermos detectar possíveis dificuldades, propor soluções e ajustar os projetos pedagógicos na perspectiva de um ensino com uso de metodologias cada vez mais presentes e urgentes.

O trabalho foi desenvolvido pelas autoras docentes a partir das inquietações surgidas nas atividades em conjunto no componente curricular Saúde coletiva e educação em saúde II em um curso técnico em enfermagem utilizando metodologias ativas na interação com os alunos e na mediação do processo ensino-aprendizagem, processo esse que é algo extremamente complexo, possui caráter dinâmico e não acontece de forma linear, exigindo ações direcionadas, para que os alunos possam se aprofundar e ampliar os significados elaborados mediante sua participação (CAMARGO; DAROS, 2018).

Nessa perspectiva, a educação deve respeitar as diferenças, as diversidades entre os educandos e os diferentes processos de desenvolvimento humano. Entendida como processo, em contínuo movimento de vir a ser, a educação relaciona-se, assim, com os sistemas políticos,

econômicos e sociais de uma dada sociedade (MORAES, 1999). Assim, o ensino remoto traz experiências de ensino e de vida que precisam ser compartilhadas para trocas de informações e melhoria da qualidade do ensino em um contexto tão adverso quanto o que estamos vivendo.

Bacich e Moran (2018) afirmam que é essencial uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas, desenvolvimento de múltiplos letramentos, questionamento da informação, autonomia para resolução de problemas complexos, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, participação ativa nas redes e compartilhamento de tarefas. Enfim, tudo o que os professores e alunos passaram a viver de uma hora para outra com a mudança para o ensino remoto.

Portanto, o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na aprendizagem vem sendo discutido na sociedade, na esfera acadêmica e nas instituições de ensino. É consenso nesses diversos meios que as tecnologias devem ser aproveitadas pelas escolas para impulsionar a educação, de acordo com as necessidades, explorando todos os recursos disponíveis em direção a um ensino de qualidade. Diante de tantas mudanças, a escola precisa reconhecer a importância da inclusão tecnológica como um fator a mais no processo educacional. Por isso, torna-se importante um trabalho de divulgação de novos métodos e ferramentas de ensino, já que as escolas já dispõem dessas ferramentas, que podem ser utilizadas tanto em aulas presenciais quanto on-line.

A prática educativa implica uma mudança nos conteúdos e nos modos de avaliar, ao considerar as finalidades do ensino, que deve estar de acordo com um modelo centrado na formação integral (ZABALA, 1998). Portanto o uso de metodologias ativas por si só não leva a uma aprendizagem efetiva, é preciso envolvimento e engajamento de toda a comunidade escolar. Isso deve valer para todos que são importantes num processo de educação on-line: o aluno, o professor, o material didático, a ambiência formativa proposta pelo mediador, o ambiente virtual de aprendizagem, entre outros, de forma a integrar em rede para a construção do conhecimento (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

Nesse sentido, este estudo faz-se necessário para analisar o processo ensino e aprendizagem em contexto de aulas remotas, com o uso de TDIC, ajudando a sanar possíveis lacunas e fomentar as discussões a cerca do tema, necessárias para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e de uma formação integral engajada na cultura digital para além do ensino remoto e em uma perspectiva inclusiva. A educação como parte integrante no desenvolvimento de jovens críticos, reflexivos e engajados na transformação de suas realidades.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, elaborado no contexto de ensino remoto, no primeiro semestre de 2021, do componente curricular Saúde Coletiva e Educação em Saúde II, ministrada no segundo período de um curso Técnico em Enfermagem de uma escola pública. O egresso deve estar apto a assumir responsabilidades dentro da equipe de enfermagem e multidisciplinar, capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase loco-regional, pautada nos cenários biopsico-sociais dos seus determinantes.

O componente curricular foi planejado e trabalhado pelas duas autoras professoras da instituição, que atuaram conjuntamente no desenvolvimento do componente curricular em um universo de 23 alunos. A base metodológica utilizada é qualitativa, de estudo de caso. Para Goode e Hatt (1973), o Estudo de Caso se caracteriza como um meio de organizar dados e reunir informações, tão numerosas e detalhadas quanto possível, a respeito do objeto de estudo de maneira a preservar seu caráter unitário.

Para este estudo, foi utilizada a coleta de dados através da participação dos alunos nas aulas síncronas, realização das atividades nas aulas assíncronas. Utilizou-se um questionário semiestruturado com perguntas objetivas e subjetivas, com assinatura de consentimento livre e esclarecido garantindo o anonimato, para atender ao objetivo de coletar dados sobre a percepção dos alunos sobre o ensino remoto com uso das metodologias ativas no curso técnico em enfermagem. Os questionários são uma das técnicas mais usadas de coleta de dados primários, permitindo uma abordagem analítica explorando as relações entre as variáveis (GRAY, 2012).

Os dados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin, (2016), de dado qualitativo sobre as atividades e plataformas utilizadas pelas professoras remotamente no uso de tecnologia interativa e colaborativa.

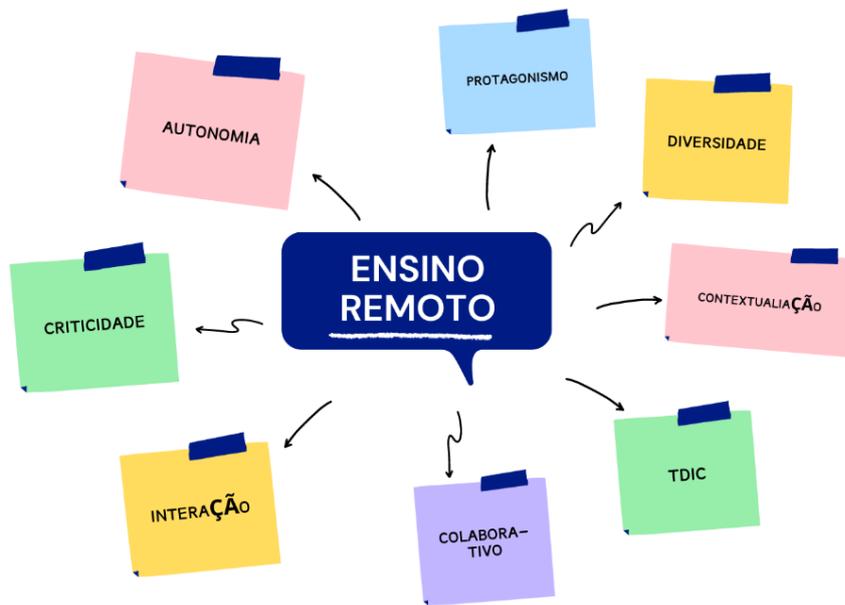
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 23 alunos matriculados no componente curricular 16 responderam ao questionário, são alunos jovens 43,8% estão na faixa etária de 16 a 20 anos. Foi realizada uma pré-análise das respostas do questionário com posterior análise mais profunda e síntese das respostas. Após

essas etapas conseguimos identificar questões a cerca da acessibilidade digital e de cunho pedagógico do componente curricular desenvolvido pelas duas professoras no contexto remoto.

As atividades foram desenvolvidas englobando as principais características do ensino remoto, como pode-se ver na Figura 1. O aluno como protagonista do seu aprendizado, trabalhando de forma colaborativa, utilizando as TDIC de forma crítica e autônoma.

Figura 1: Características do ensino remoto.

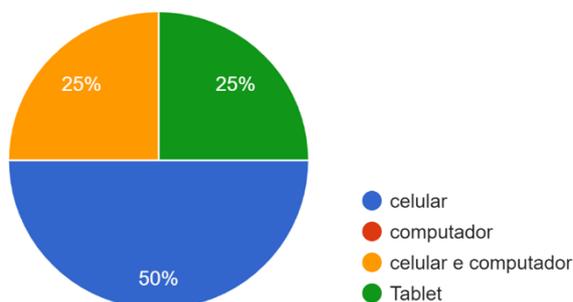


Fonte: As autoras, 2021.

Com a análise dos questionários foram obtidas as respostas quanto à acessibilidade digital, no Gráfico 1, nas aulas síncronas 50% assistem às aulas pelo celular, 25% no celular e computador e 25% pelo tablet disponibilizado pela instituição como estratégia de inclusão digital.

Quanto ao local que estudam, no Gráfico 2, 31,3% disseram que estudam no quarto sozinhos, 31,3% no quarto com mais pessoas da família, 18,8% na rua, no trabalho ou em outro lugar e 12,5% na sala com pessoas da família. Esses dados refletem na qualidade do processo ensino e aprendizagem, pois nem todas as atividades podem ser realizadas pelo celular, bem como, muitas vezes os alunos não conseguem se concentrar adequadamente devido o movimento existente em suas casas atrapalhar o acompanhamento das aulas.

Gráfico 1: Tipo de aparelho utilizado.



Fonte: Autoras, 2021.

Gráfico 2: Local que estuda.



Fonte: Autoras, 2021.

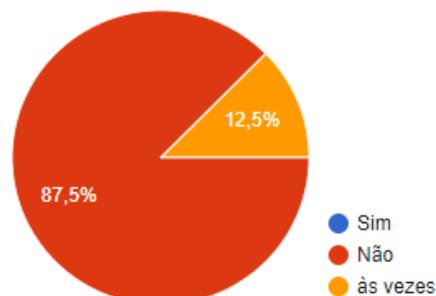
Em relação à acessibilidade digital 93,8% disseram ter internet própria. As dificuldades de acesso 87,5% afirmaram que não tem dificuldade de acessar o material postado pelo professor e 12,5% disseram que tem dificuldade, como visto nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: Internet própria.



Fonte: Autoras, 2021.

Gráfico 4: Dificuldade de acesso

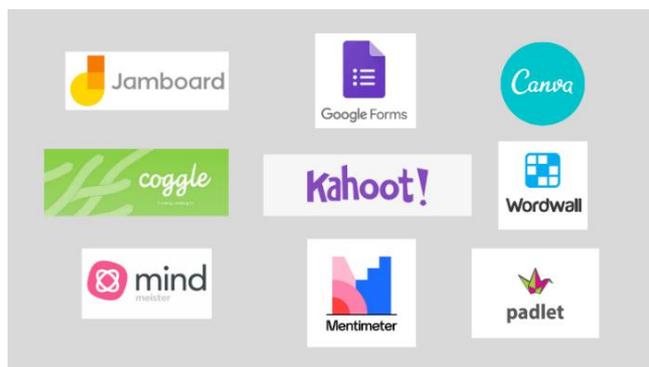


Fonte: Autoras, 2021.

e os motivos “por conta da internet que não é muito boa”. Conseguimos identificar bem essa situação nas vezes que alunos avisavam que a internet estava caindo ou sem sinal e que por isso não estavam conseguindo participar.

Foram utilizadas metodologias ativas através de ferramentas digitais apresentadas na Figura 2, para dinamizar e trazer mais interação e colaboração nas aulas, tornando mais significativo o aprendizado. Atividades individuais e em grupos com o padlet, mural virtual onde podem ser realizados vários registros sobre temas variados, atividades com quizizz, empregando o conteúdo de forma gameficada, mais divertida e desafiadora, atividades com jamboard, um quadro branco interativo e colaborativo para realização de painéis, também atividades com o Canva, na confecção de infográficos.

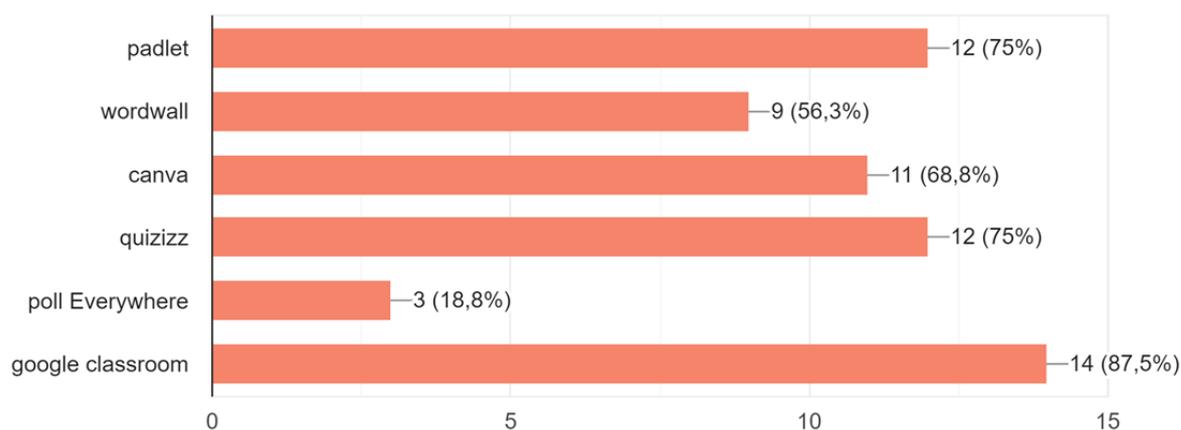
Figura 2: Ferramentas digitais utilizadas.



Fonte: Autoras, 2021.

Quanto às ferramentas tecnológicas e metodologias ativas que mais gostaram de usar nas aulas, as mais escolhidas foram o padlet e o quizizz, no Gráfico 5, mostrando a importância de atividades interativas e colaborativas, como jogos e diversão associados aos estudos. As metodologias ativas de aprendizagem colocam o aluno como protagonista, ou seja, em atividades interativas com outros alunos, aprendendo e se desenvolvendo de modo colaborativo (CAMARGO; DAROS, 2018).

Gráfico 5: Ferramentas que mais gostaram de usar.

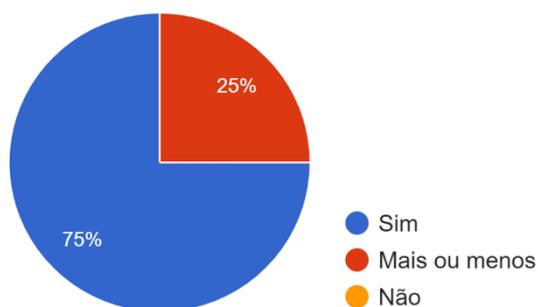


Fonte: Autoras, 2021.

Entende-se que isso torna as aulas mais significativas para os alunos. Silva (2010) também corrobora com esse pensamento quando afirma que o uso da tecnologia é uma transição da simples transmissão unilateral das informações para um processo moldado pela interatividade, participação, intervenção e bidirecionalidade.

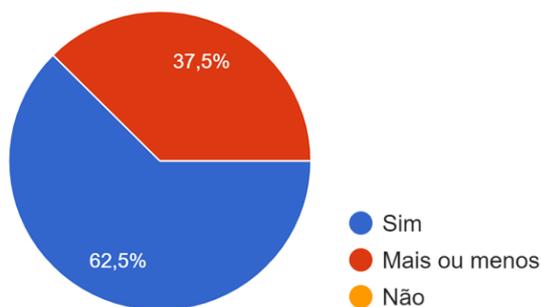
Quando perguntados se o ensino da disciplina foi bom no formato de ensino remoto com uso de tecnologias digitais, vê-se no Gráfico 6, que 75% responderam que sim e 25% mais ou menos, devido a “quantidade de material em pouco tempo ficando pontas soltas às vezes”. Já no Gráfico 7, perguntados se conseguiram apreender os assuntos da disciplina 62,5% responderam que sim e 37,5% que mais ou menos devido novamente a quantidade de assuntos e “pela dificuldade de se concentrar em casa e conciliar com outras tarefas”.

Gráfico 6: Achou o ensino.



Fonte: Autoras, 2021.

Gráfico 7: Apreendeu o assunto.

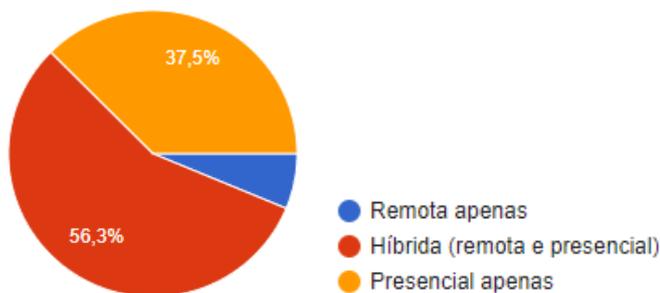


Fonte: Autoras, 2021.

Considera-se esses dados importantes pois a concentração para os estudos no lar ou no trabalho fica comprometida pelas interferências que ocorrem nesses locais relatados pelos próprios alunos, existindo relação direta também com a acessibilidade às aulas, corroborando com o já relacionado por eles nos Gráficos 1 e 2.

Quanto ao tipo de aula que preferem, pode-se ver no Gráfico 8, que 56,3% disseram que preferem aula híbrida (remota e presencial) e 37,5% presencial.

Gráfico 8: Tipo de aula que preferem.



Fonte: Autoras, 2021.

Ao responderem perguntas subjetivas, responderam que mais sentem falta nas aulas presenciais são das aulas práticas, das aulas de laboratório, do contato com os colegas e o

professor. E quanto às sugestões para as próximas aulas a quantidade e velocidade dos assuntos fossem mais devagar pois acham o ensino remoto muito rápido.

Nesse sentido, por se tratar de um curso técnico e da área de saúde, a falta das aulas práticas é perfeitamente justificada nas respostas dos alunos. Santos (2020) nos traz em seu estudo também essa percepção dos alunos, falta de atividade prática é uma das coisas que os alunos mais sentem falta. De acordo com Luckesi (1995) o conhecimento é, assim, concebido numa perspectiva teórico-prática e, ao mesmo tempo, prático-teórica de compreender a realidade, como produto de um enfrentamento de mundo que somente faz sentido à medida que o ser humano o produz e o retém como forma de entender a realidade, de facilitar-lhe e melhorar o modo de viver.

Também deve ser levado em conta além das atividades colaborativas em grupo, as atividades individuais, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um em um ensino personalizado, como vimos nas respostas onde alguns alunos não tinham dificuldades em apreender os assuntos, mas outros não conseguiam por achar muito conteúdo ou por problemas de concentração em casa. A aprendizagem acontece no movimento fluido, constante e intenso entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada um consigo mesmo, em uma reelaboração permanente (BACICH; NETO; TREVISANI,2015).

Na perspectiva da interatividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em vez de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração (SILVA, 2010). Leva-nos, pois, a um repensar da prática docente para além de transmissão de conteúdos ou a simples transposição de material do ensino presencial para o remoto, e sim olhar cada vez mais profundo nas questões que envolvem os alunos e o processo ensino-aprendizagem como um todo para uma formação técnica omnilateral e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação vem passando por muitas transformações e a atual fase que estamos vivendo nos mostra bem essa realidade. A transposição das aulas presenciais para o ensino remoto foi e está sendo uma experiência muito importante na vida de alunos e professores como relatado

neste trabalho. O desafio é enorme, mas a mudança de paradigmas, o uso constante das metodologias ativas vem para somar na educação.

A acessibilidade às aulas e a quantidade de assuntos foi o mais citado pelos alunos como dificuldades no componente curricular, fatores que realmente interferem no processo ensino-aprendizagem. A falta das aulas práticas também foi sentida pelos alunos principalmente por se tratar de um curso técnico na área da saúde. Vimos que mesmo utilizando metodologias ativas, que trazem a interatividade, o trabalho compartilhado, os alunos sentem falta do contato físico, das explicações da sala de aula, de um tempo maior para organizar os estudos. É o peso do distanciamento social ao qual fomos impostos.

Precisamos ficar atentos como professores a todas essas dificuldades apresentadas pelos alunos para planejar e organizar nossas aulas no contexto remoto e para além do remoto. O aumento do uso das TDIC veio para ficar, mas é preciso ter cautela e direcionar o seu uso com objetivos pedagógicos claros para que se tenha êxito. Que as transformações que estão ocorrendo levem-nos para constantes melhorias no ensino e que possamos aprender e crescer com as experiências vividas aprimorando assim o planejamento pedagógico e consequentemente a formação de técnicos aptos para desenvolver suas atividades de maneira crítica e consciente de sua importância na sociedade.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

GOODE, Willian J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional, 1973.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. Ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura Redoc**, Rio de Janeiro, v. 4 n.2 p. 215 Maio/Ago 2020.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.

SANTOS, Magno Ferreira. **Educação profissional em tempos de pandemia: uma avaliação da percepção dos estudantes sobre suas dificuldades**. VII SEMTEC. CPS: São Paulo, 2020.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. **Revista digital de tecnologias cognitivas**, São Paulo: 2010.

SOUZA, Elmara Pereira de. **Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, Ano XVII Volume 17 N° 30 jul./dez. 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.